

A DOR DE “SER MEIO”

Elizabeth Duarte Cavalcante¹

1- Introdução

É vasta a literatura espírita e não-espírita a ser compulsada na tentativa de estabelecer um *lócus* de convergência entre as categorias explicitadas no título deste trabalho: a dor, que atende à condição humana do corpo; o ser, que atende às prerrogativas da alma segundo o Espiritismo; e o “meio”, em si mesmo um agente mediador entre o corpo e alma, entre a matéria e o Espírito.

Desde as inspirações proféticas dos famosos oráculos gregos, das profecias bíblicas, dos fenômenos físicos e psíquicos sobejamente registrados em Conan Doyle e Alexandre Aksakof, no século XIX; dos ritos de magia e adivinhação de povos africanos e amazônicos, até os médiuns atuantes em organizações espíritas no Brasil, correm milênios de existência de uma dor humana quase sempre tratada na perspectiva do pensamento dualístico ligada ora ao imaginário ou a superstições, ora ao medo, ora a racionalizações científicas.

Olhar para esta dor sob a perspectiva do Ser Meio vai além das sensações físicas ou morais experimentadas na mediação em si, para posicionar-se em um lugar cuja condição mesma de existência, no mundo, seja o meio e, junto com ele, o dinâmico processo relacional e simbólico do humano. A dor é aqui considerada no ponto de vista esboçado por Allan Kardec no Ensaio Teórico da Sensação nos Espíritos (1998: p. 165): “*O corpo é o instrumento da dor. Se não é a causa primária desta é, pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção da dor: essa percepção é o efeito.*”

Trata-se, então, de uma dor que reflete a própria condição em que o homem existe no mundo, com seu corpo. Não se trata, por conseguinte, de sofrimento ou vicissitude, mas sim, e mais uma vez, de *lócus* ou de posição, lugar em que se encontra expressando-se com seu corpo, no mundo.

Compreenda-se, ainda, que este mundo é aqui encarado do interior das diversificadas organizações humanas e dentro de uma história que constrói as relações em suas particularidades. Não se trata, então, de um mundo do ser humano universal, habitante do planeta terra, mas de um mundo em si, compreendido a partir da peculiaridade geográfica, ambiental e do humano que o habita, visto, portanto, de dentro para fora, do local para o universal.

2- O *lócus* das pitonisas gregas

Na década de 90 uma equipe interdisciplinar empreendeu um curioso estudo acerca do templo do deus Apolo, na Grécia, com o objetivo de verificar se duas grandes falhas geológicas identificadas por um de seus pesquisadores poderiam se constituir no caminho percorrido pelo gás conhecido como *pneuma*, responsável pelo transe das pitonisas do Oráculo de Delfos².

¹ Trabalhadora da Fundação Allan Kardec, Manaus, Amazonas.

² Reportagem consultada na *Scientific American* e impressa através de assinatura eletrônica em <http://www.uol.com.br/sciam/reportagens>. A equipe era das universidades de Louisville, Wesleyan, Florida State e Kentuchi

O estudo resultou numa série de novas conclusões não só sobre a *pneuma*, mas também sobre a organização das atividades proféticas no interior dos templos, todas confirmatórias dos relatos dos filósofos antigos, especialmente Plutarco (46-120 d.C), cujo conteúdo fora contestado durante quase todo o século XX³.

Segundo descrição dos estudiosos, o templo estava localizado numa extensa área montanhosa, constituindo-se no mais importante local religioso do mundo grego. Já o oráculo, em si, localizava-se no ádito - área proibida no núcleo do templo -, onde uma pitonisa, em estado de transe, profetizava segundo algumas regras próprias de trabalho pesquisadas por Hale (2003), entre elas:

- A pitonisa era sempre uma mulher, a despeito da forte misoginia⁴ grega da época -, e profetizava para grandes reis, generais e exploradores;

- uma mulher não se tornava pitonisa devido à nobreza ou vínculos familiares, pois poderia ser rica ou pobre; tampouco por sua idade, pois poderia ser jovem ou velha ou por grau de instrução, pois poderia ser culta ou analfabeta, entretanto, eram fortes candidatas ao oráculo as crianças que manifestassem pendor à intuição, premonição, visão;

- deveria ser natural de Delfos;

- passava por um longo e intenso período de treinamento e purificação em que se abstinha de sexo e praticava jejuns rigorosos, sempre acompanhados por uma congregação de mulheres.

As pitonisas tinham, na maioria das vezes, transe suaves e, ao sentarem-se no trípode, podiam passar ali um longo tempo, adotando um sistema de revezamento no caso de uma demanda muito grande por consultas, tornando-se patente, no entanto, o estado de cansaço das mesmas ao fim das sessões. Hale chega a conjecturar que “(...) após a sessão ela se parecia com um corredor após uma maratona ou a uma dançarina ao final de uma dança extática”. Alguns transe, entretanto, testemunhados pelo próprio Plutarco no período em que ele mesmo serviu como sacerdote no oráculo de Delfos (95 d.C) ou por um de seus colegas, podiam levar à morte:

(...) as autoridades do templo forçaram a pitonisa a profetizar em um dia não propício, para agradar os membros de uma importante comitiva. Relutante, ela se dirigiu para o ádito subterrâneo e foi imediatamente tomada por um espírito poderoso e maligno. Neste estado de possessão, em vez de falar ou cantar como fazia, gemeu e gritou, jogou-se ao chão violentamente e precipitou-se em direção às portas, onde desmaiou. Os sacerdotes e as pessoas que a consultavam, assustados, inicialmente fugiram. Mas voltaram mais tarde e a recolheram. Alguns dias depois ela morreu.

Ao mesmo tempo em que estes estudos vêm corroborar os relatos antigos, evidenciam para nós o *lócus* de mediação da pitonisa (mulher mortal) entre

Regional Poison Center, formada pelo arqueólogo John Hale, pelo químico Jeff Chanton, pelo professor de geologia Jelle de Boer e pelo toxicólogo Henry Spiller. O documento da *Web* não traz numeração de página.

³ O relato de Plutarco confirma a única representação artística de uma pitonisa, feita por um oleiro ateniense, da época em que o oráculo ainda estava ativo (em torno de 440 a.C). A figura traz a imagem de uma mulher sentada sobre um trípode (banco de três pernas), numa câmara de teto baixo, segurando na mão direita uma folha de louro (a árvore sagrada de Apolo), e na outra um prato um pouco abaulado, de porcelana, contendo uma água cujo vapor, uma vez inalado, conduzia ao estado de transe³. Acreditava-se, todavia, que o intenso treinamento é que tornava as mulheres sensíveis ao *pneuma*, uma vez que outras pessoas comuns, mesmo inalando o gás, não entravam em transe oracular.

⁴ Misoginia é um movimento de aversão ao que é ligado ao feminino.

os homens (também mortais) e o deus Apolo (ser imortal), que embora sendo deus (segundo comentário do próprio Plutarco), servia-se de um corpo perecível, bem como de substâncias naturais como o gás *pneuma* em forma livre ou na água, para estimular a inspiração de suas mensagens. Nessa posição mediadora, a pitonisa é submetida a toda sorte de disciplina corporal, a fim de tornar-se organicamente apta a profetizar, bem como a uma disciplina de ordem mental, que lhe exigia horas e horas de concentração ininterruptas voltadas às perguntas e obtenção de respostas aos seus consulentes. Tais respostas, inclusive, nunca eram simples e diretas, mas sim em códigos imagéticos, cantos ou espécies de charadas que precisavam ser decifradas.

Dessa forma, a atividade de mediação entre o humano e o divino, no mundo grego, acarretava à pitonisa uma dor de ordem física e mental, patenteada não só em sua exaustão, mas na ausência de autonomia sobre si mesma, afinal, do transe poderia advir até a morte, o que demonstra não ser a pitonisa, nesse lugar, senhora de seu corpo ou de suas faculdades intelectivas, portanto, de sua própria vida.

Ser pitonisa equivalia, assim, a existir como pitonisa ou o contrário; existir como pitonisa equivalia a Ser pitonisa, ou seja, adotar uma dinâmica interna de um Ser Mediador duplamente projetado para fora de si mesmo, ora em direção aos homens que lhe indagam sobre suas vidas, ora em direção à inspiração do divino.

A pitonisa do oráculo grego simboliza, desta forma, e neste *lócus*, a dor do Ser Meio como a dor de quem vive à mercê da subjugação mental e corporal exercida por agentes externos, existindo para os outros homens apenas quando cumpre o papel para o qual foi adestrada, numa organização social erigida sobre as exigências das superstições.

3- O *lócus* dos adivinhos do povo Azande

Entre os anos de 1926 a 1932 o antropólogo inglês Edward Evans-Pritchard realizava o primeiro trabalho de campo que o situaria entre um dos maiores representantes da Antropologia Social Britânica por resultar num relato etnográfico valioso - *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*⁵ [1937]. O livro trata da “influência mágica e das práticas divinatórias de um povo da África Central” (p. 7).

A sociedade Azande mantinha a sua ordem interna especialmente a partir da detecção e do combate à bruxaria. A detecção se dava por meio de oráculos e o combate por meio de magia praticada por um mágico ou adivinho, numa formatação triangular que se constituía na própria lei do equilíbrio zande (p.15).

A doutrina zande incluía diversas noções no entorno da bruxaria. Algumas seguem resumidas no intuito de melhor entender o *lócus* do adivinho zande (p.60-86):

⁵ Os Azande situavam-se entre os rios Nilo e Congo, na década de 20, na fronteira entre a República do Sudão, o Zaire (República Democrática do Congo) e a República Centro-Africana. Desenvolviavam atividades como ferreiros, oleiros, entalhadores, cesteiros e criadores de aves domésticas, possuindo uma complexa organização social com casamento poligínico e residência patrilocal, com sítios afastados por quilômetros uns dos outros.

- A noção de que, mesmo que um homem seja filho de um bruxo e tenha substância-bruxaria⁶ em seu corpo, ele pode, se quiser, não usá-la; a substância em sua barriga pode permanecer “fria”. Mas uma vez que se descobre possuidor dela (evidentemente depois de ter sido acusado algumas vezes por seus vizinhos), passa a utilizá-la em proveito próprio ou provocando malefícios;

- A noção de que toda morte é sempre causada por bruxaria e dá direito ao vizinho de operar a “vingança”, em si mesma, um ritual de bruxaria;

- A noção de que ódio, ciúme, inveja, traição e calúnia (atos psíquicos) vão à frente, e que a bruxaria, segue atrás. *Um homem deve primeiro odiar o seu inimigo, e depois o embruxará*;

- Um temperamento rancoroso (ato psíquico) levanta suspeita de bruxaria. Pessoas mal-humoradas e sombrias, as que sofrem de alguma deformidade física ou que foram mutiladas, são suspeitas, pelo ressentimento (ato psíquico);

- Os sonhos são percepções de bruxarias;

- O oráculo de veneno não erra. (todo zande criava galinhas em seu sítio com a finalidade de serem utilizadas como oráculos; o zande que se acreditava embruxado administrava pequenas doses de veneno às galinhas e lhe fazia perguntas sobre quem o embruxou; dependendo de alguns movimentos do animal, os nomes iam sendo discernidos pelo consulente do oráculo).

- Os adivinhos são bruxos iniciados numa corporação; jamais são membros da classe governante; são geralmente treinados desde a infância na manipulação e ingestão de drogas e entram em transe por meio de dança. (ele dança com nomes de suspeitos de bruxaria na cabeça e, ao final, declina os nomes dos bruxos publicamente).

Em seu livro, Evans-Pritchard narra os detalhes de sessões públicas com adivinhos e observa que *“(...) as revelações dos adivinhos se baseiam amplamente nos escândalos locais; e que ele calcula as respostas a dar às consultas enquanto dança e se exhibe”* (p. 108). Curioso perceber, nesse sentido, que os azande sabem perfeitamente desse comportamento de certa forma “matreiro” dos adivinhos, tanto que os nomes dados numa sessão com adivinhos são sempre, depois, submetidos ao oráculo de veneno, para confirmação.

A fim de manter o seu *locus* no interior da sociedade zande, determinado desde a infância, o adivinho lança mão de toda espécie de pompa, sons, música, dança, durante as suas sessões, que lhe garantam ser apontado, reconhecido, prestigiado como um adivinho experiente, de respeito. Toda a recompensa da atividade do adivinho parece advir dessa expectativa de reconhecimento, tanto que sempre está a par dos escândalos locais (adultérios, recusas de namoro ou casamento, doenças, problemas financeiros, etc.). Ainda assim, o antropólogo observa:

(...) Contudo, sou da opinião de que se deve atribuir ao adivinho zande uma boa dose de intuição, sem reduzir seus pronunciamentos apenas a um cálculo racional. O adivinho e seu cliente selecionam conscientemente as pessoas que provavelmente causaram a doença ou os prejuízos; o primeiro começa então a dançar com o nome dessas pessoas na mente, até decidir qual delas está prejudicando o consulente; creio que este segundo

⁶ Substância-bruxaria seria uma pequena bolsa ou inchação enegrecida e oval, localizada provavelmente no intestino podendo ser também de cor avermelhada e que conteria sementes de abóbora, gergelim ou quaisquer outras plantas.

*processo de seleção é muito pouco influenciado pela lógica. (...) É realmente quase impossível ser mais explícito, **mas estou convencido de que a seleção dos nomes se faz por uma atividade mental inconsciente.** (p. 108 – Grifo meu) .*

Alguns registros de Pritchard, relativos às sessões, auxiliam a entender esse seu convencimento:

(...) Em primeiro lugar os adivinhos dançam até uma condição próxima à dissociação: intoxicam-se com a música criada por outros e por eles mesmos, e atingem um estado de grande prostração física; (...) tanto quanto posso saber a partir do que me contaram, eles guardam os nomes na memória e ficam a repeti-los enquanto dançam; mas fora isso procuram deixar a mente inteiramente livre. Subitamente, uma das pessoas sobre quem ele está dançando impõe-se à consciência do adivinho, às vezes como uma imagem visual, mas em geral pela associação de seu nome a algum distúrbio fisiológico, principalmente por uma repentina aceleração do ritmo cardíaco. (Idem).

Note-se, com estas descrições, que o antropólogo admite e integra à sua etnografia os elementos que caracterizam o transe dos adivinhos azande como sendo: 1) intuição; 2) atividade mental inconsciente; 3) dissociação; 4) intoxicação; 5) prostração física e 6) distúrbios fisiológicos.

Diferentemente das pitonisas gregas, o adivinho azande circula livremente pela sociedade; congrega-se ou organiza-se socialmente; estabelece relações de troca baseadas em interesses; vale-se da estrutura social que o abriga e de seu *lócus* mediador, no intuito de agradar e granjear elogios, adotando, por conseguinte, um comportamento estereotipado, com gestos e expressões exageradas ou pouco autênticas que lhe acarretam, como na contramão daquilo que mais anseia e espera (reconhecimento), a suspeita ao redor do objeto de suas adivinhações.

Os registros de Pritchard auxiliam a consubstanciar, assim, neste *lócus*, a dor dupla do Ser Meio do adivinho azande. Primeiro como aquela que projeta, no transe, de maneira racional e como se fora a única coisa que lhe restasse, o desejo de ser visto, notado, reconhecido ou percebido em seu *lócus*, numa constante e angustiante busca de afirmação de sua existência, no mundo, por meio desse mesmo transe. E para além do que ele mesmo pode controlar, a autenticidade do que obtém, nesse estado (o transe), impõem-se ao Si como único ente existente em seu Ser, uma vez que as respostas não sofrem a interferência da mente racional, mesmo que sejam corretas ou que não sejam depois confirmadas pelo oráculo de veneno, ocasionando-lhe algum tipo de prejuízo material ou de reputação. Desta maneira, a dor que se desdobra do desejo não fruído é o da impotência ou falta de controle que o adivinho experimenta sobre o resultado de seu próprio transe.

4- O *lócus* dos pajés de Itá, na Amazônia

Um outro livro que surgiu primeiro em inglês em 1953, escrito pelo antropólogo americano nascido no Texas, Charles Wagley – Uma Comunidade Amazônica -, traz o relato etnográfico da estadia do autor em um município da Amazônia localizado entre os estados do Pará e do Amazonas, cujo nome fictício é Itá.⁷

⁷ Alguns aspectos tornam o trabalho de Wagley modelar sob o ponto de vista técnico e “à atitude espiritual no encarar os fenômenos observados” (1998: comentário do editor à segunda edição brasileira). Trata-se de um autor que viveu longo tempo no Brasil, dominou com perfeição o idioma, casou-se com uma brasileira, adotou publicamente o país como segunda pátria e declarou-se sempre consciente da complexidade sócio-cultural que envolve o meio e o povo brasileiro. Wilson Martins (1998: orelha) diz acerca dos óbices ao trabalho de Wagley: “*Há um mito americano no Brasil, assim como há um*

De acordo com Wagley, os habitantes de Itá (caboclos amazônicos) foram constituindo a “intrincada amálgama” de suas crenças a partir de influências nativas do povo Tupi e de um conjunto de ideologias européias (crenças católicas introduzidas e adaptadas pelos portugueses).

A fim de se contraporem às crenças nativas, os missionários do século XVI resolveram ensinar o catolicismo ortodoxo e vários nomes de entidades indígenas foram sendo substituídos por Deus, Diabo e pelos nomes de santos. Note-se, por exemplo, que “(...) a uma série de espíritos da selva e almas do outro mundo que se atribuía o poder de causar a má sorte, as doenças, (...) um deles, Yurupara, (...) foi comparado pelos missionários cristãos ao Diabo” (p. 225). Saiba-se, ainda, que os povos tupis tinham “terror mortal às almas do outro mundo e acreditavam que elas tomassem a forma de animais e vagassem durante a noite” (p. 226). Porém, como pontua Wagley, os próprios missionários colonizadores dos séculos seguintes passaram a acreditar eles mesmos em lobisomens e feiticeiros, o que redundou em um fortalecimento das crenças nativa e européia, que acabaram se fundindo na crença em espíritos e almas do outro mundo, características da cultura popular amazônica. (Idem).

Para se protegerem contra os demônios e toda a má sorte trazida pelas almas, os habitantes de Itá, assim como seus antecessores tupis, recorriam aos serviços de feiticeiros, também chamados pajés. Algumas características da estrutura de crenças dos habitantes de Itá podem auxiliar a compreender o *lôcus* desses pajés (p. 227 - 229):

- Toda doença tinha uma origem mágica ou sobrenatural, assim como toda derrota em guerra e má sorte em pequenos acontecimentos do cotidiano;
- Os malefícios resultavam: 1) de um castigo imposto por um espírito das selvas (alma do outro mundo), ou, 2) de magia negra de feiticeiros;
- Só os pajés poderiam curá-los ou aliviá-los das desgraças causadas pelos maus espíritos, por isso eram temidos e respeitados;
- Reconhecia-se um pajé por traços peculiares: eram nervosos, temperamentais, excitáveis e todos possuíam, em algum momento da vida, mesmo na infância, uma história de viagens submarinas nas profundezas do rio Amazonas, acompanhados por espíritos encantados das águas ou pela cobra grande;
- Todos os pajés desapareciam por horas e até dias quando estavam em tais viagens ao fundo do rio. Crianças com histórias de cura ou que desapareciam e reapareciam eram suspeitas de possuírem os dons dos pajés de se comunicarem com os espíritos.

Wagley destaca, ainda, as características do transe dos pajés de Itá:

(...) Ao se comunicarem com os espíritos que controlavam, entravam em transe e até mesmo em crises catalépticas. Tais transes eram provocados pela tragada de grandes quantidades de tabaco e pela dança e canto ao ritmo do matraquear de uma cabaça. (...) Os pajés curavam doenças por meio de massagem, soprando fumaça de tabaco sobre o corpo do doente ou extraíndo o pequeno objeto (o osso, uma pedra, ou mesmo uma lagartixa) introduzido no doente pelo espírito ofendido.

Os médicos que passaram a trabalhar em Ita nos anos 40 foram empreendendo campanhas crescentes contra a pajelança, acusando os pajés de prática de medicina sem licença, o que os obrigou a atenderem, em segredo, em cidades vizinhas. Por conta disso, à época do trabalho de Wagley, já não havia, na cidade, grandes pajés ou “sacacas”, como eram conhecidos os de maior poder.

Os meninos que mostravam possuir os dons de contato com seres da natureza eram levados a um pajé para que afugentasse os espíritos atraídos pela criança. Essa era uma providência que os próprios pais tomavam por temerem o preconceito (p. 229-230): (...) *Estes (os pajés) são perseguidos pelas autoridades, estigmatizados de pagãos pelo padre e publicamente criticados pela classe alta. Frequentemente, porém, o indivíduo não pode evadir-se (...).*

Os pajés de Itá da primeira metade do século XIX sofreram influência do catolicismo e do Espiritismo praticados nas cidades de Belém e Manaus, porém, faziam questão de diferenciar a pajelança da prática espírita (1998:p.232): (...) *Dizem eles que os médiuns espíritas da cidade lidam com “espíritos do ar”, vagamente considerados almas desmaterializadas, enquanto o pajé autêntico lida com “seres da água”.*

Observe-se, no caso dos pajés de Itá, alguns aspectos distintivos em relação aos *lócus* já vistos. Enquanto a pitonisa do oráculo de Delfos é a mediadora das mensagens do próprio deus Apolo -, e o adivinho azande é o mediador da bruxaria enquanto ato psíquico dos homens (inveja, ciúme, rancor, ódio) -, o pajé de Itá media a ação entre seres encantados da água e os homens que sofrem a ação destes.

Tais seres expressam-se como individualidades, uma vez que o próprio Wagley chegou a manter diálogos com os mesmos durante sessões de cura; eles falam o idioma local, fumam, dançam, bebem, cantam, sentam-se, caminham e atuam com desenvoltura através do pajé (p.231). Porém, não são considerados pelo pajé como “almas”, ou seja, espíritos de homens que já tiveram um corpo e que habitam o outro mundo. Tratam-nos como seres ou espíritos da natureza, muito além de simples habitantes das águas, das matas, da terra, mas especialmente capazes de se fundirem a estes elementos, tomando até a forma de animais.

Não se pode esquecer que um medo pelo mau que estes seres podem causar acompanha o pajé desde a infância, muito embora, diferente do adivinho zande, o pajé de Itá afirme ter uma plêiade de espíritos da natureza que ele controla, ou seja, espíritos que atuam por meio dele e que, de certa forma, lhe concedem proteção no desempenho da missão de curar. Tal missão pertence, concomitantemente, ao pajé e aos seres da natureza que se manifestam através dele.

A cura, contudo, por meio do pajé, só se dá através da possessão, em alguns casos provocando até morte aparente (catalepsia), demonstrando a força do transe em que um ser torna-se imantado a outro ou ausente de sua “casa” – o corpo. Levando-se em conta o imaginário popular com toda a sua força de criar e recriar o mundo, pode-se aventar que, em alguns momentos, o pajé chega a existir no mundo como ser da natureza - possuído pela natureza e confundido com ela -, pois ele é também aquele capaz de realizar viagens nas profundezas dos rios.

Por tudo isso, e neste *lócus*, a dor do Ser Meio do pajé de Itá configura-se como sendo aquela do curador que expulsa os espíritos maus, mas jamais cura a si

próprio da possessão que a natureza lhe impõe. A força da natureza prepondera sobre a racionalidade – mesmo se expressando em sua condição humana, ele possui atributos divinos naturais. Diferente do adivinho zande, aqui não há estratégias e não se espera nada, nem mesmo a cura, pois se ela não vier, trata-se de um castigo, ou se a morte advier, trata-se da vontade superlativa dos seres da natureza.

5- O *lócus* da médium Yvone Pereira, o meu próprio *lócus* e algumas homologias

Em Recordações da Mediunidade, a médium brasileira Yvone do Amaral Pereira, nascida na cidade hoje denominada Rio das Flores⁸, no interior do estado do Rio de Janeiro, esboça um valioso relato acerca de suas experiências medianímicas desde o nascimento.

Antes de pontuar algumas das informações trazidas por Yvone em sua espécie de autobiografia mediúnica, é imperioso que se façam alguns esclarecimentos de ordem metodológica: identificar e compreender o *lócus* da médium carioca que viveu entre os anos de 1906-1984 não equivale a estabelecer o *lócus* do médium spiritista, por se tratar, aqui, de uma pessoa em sua vivência particular. O mesmo se aplica ao que denomino neste subtítulo de meu próprio *lócus*, ou seja, em alguns momentos relatarei experiências de minha vivência particular na condição de mediadora, desde a infância, buscando, com isso, e tão só, uma reafirmação das experiências de Yvone Pereira.

Ainda aí, e para reforçar, é importante distinguir o complexo doutrinário em si, reunido em vasta obra literária, e o complexo de crenças dos adeptos. Este último, na perspectiva ora entrevista, é resultante não só do conhecimento da doutrina, que leva ao ato deliberado de professar o Espiritismo ou ao ato de estar no centro espírita, mas também de suas experiências em si, corporificadas na esfera do saber constituído a partir das tradições, costumes, faculdades desenvolvidas ou potenciais, relações familiares e sociais que forjam a “amálgama” da crença, utilizando o termo de Wagley.

Uma vez que a esfera do saber pressupõe toda a reunião de uma série de fatores existenciais manifestados sob os impositivos da cultura e da história, a vivência de mediação de Yvone figura, como sugere Pierre Bourdieu em O Poder Simbólico, recordando Bachelard, (p. 27-28) “*um caso particular do possível*”. Interrogar sistematicamente o caso particular constituído “*em caso particular do possível para retirar dele as propriedades gerais ou invariantes que só se denunciam mediante uma interrogação assim conduzida*” (Idem, p.32-33), lançando mão do recurso do método comparativo, é o que intentamos no momento.

No capítulo 2 intitulado Faculdade Nativa, Yvone (1998: p. 23, 24) alude a um elemento até então presente nos *lócus* estudados:

(...) Creio que nasci médium já desenvolvido, pois jamais me dei ao trabalho de procurar desenvolver faculdades medianímicas. Algumas faculdades se apresentaram ainda em minha primeira infância: a vidência, a audição e o próprio desdobramento em corpo astral, com o curioso fenômeno da morte aparente. (...).

⁸ Cidade chamada à época do nascimento de Yvone de Santa Tereza de Valença.

Por assim se expressar, a forma como Yvone-criança percebe a mediação é a mais natural possível, uma vez que se trata de uma característica de seu próprio Ser, como bem pontua ainda no mesmo capítulo (p. 27):

*(...) Aos quatro anos de idade já eu me comunicava com Espíritos desencarnados, através da visão e da audição: via-os e falava com eles. Eu os supunha seres humanos, uma vez que os percebia com essa aparência e me pareciam todos muito concretos, trajados como quaisquer homens ou mulheres. Ao meu entender de então, eram pessoas da família, e por isso, talvez, jamais me surpreendi com a presença deles. Uma dessas personagens era-me particularmente afeiçoada: eu a reconhecia como pai e a proclamava como tal a todos os de casa, com naturalidade, julgando-a **realmente** meu pai e amando-a profundamente. (...). (Grifo meu)*

Aqui, chama a atenção a semelhante naturalidade com a qual o adivinho azande considera a natividade do bruxo, pois todo adivinho é bruxo e já nasce bruxo, podendo, inclusive, causar pequenos malefícios às crianças de sua idade, e ainda a semelhança com a criança de Itá que atrai os espíritos e, por mais que os pais tentem afugentá-los pela intercessão de um pajé adulto, na maior parte das vezes, o menino não consegue evadir-se de sua “missão”, pois já se configura como sua condição no mundo. A menina grega que manifestasse intuição ou premonição na infância era forte candidata ao templo... Resta-nos, assim, propor que o Ser Meio seja uma condição de existência no mundo. E como condição do Ser em Si, na infância, pode acarretar grandes infortúnios à criança⁹.

Em minha vivência particular, o *lócus* de mediação manifestou-se também na primeira infância, quando andei às voltas com fenômenos de premonição em estado de vigília ou de sonho, dupla vista¹⁰ e deslocamento consciente do corpo perispiritual. Tal condição acarretou uma forte reação psíquica (mecanismo de defesa) e orgânica. Tendo residido em diversas capitais brasileiras até os sete anos, sofri crises quase diárias de asma severa, manifestadas pela primeira vez aos quatro anos e que me acompanharam até os dezoito, conforme descrição feita por um tio, conhecido médium de cura e desdobramento de Manaus¹¹. A dificuldade de soltar o ar dos brônquios mantinha o corpo e a consciência em alerta contínuo, impedindo que o relaxamento natural do processo de expiração pudesse acarretar uma invasão de minha mente por uma entidade em particular - ligada a mim em regime de obsessão -, bem como evitava que me desprendesse de forma profunda e não mais conseguisse retornar ao corpo. Deixar o corpo (sensação de morte) ou tê-lo invadido era, portanto, um medo freqüente. Ainda devido à asma, ativa quase

⁹ Em Itá, durante a forte campanha médica contra a pajelança, as crianças com histórico de contato com os seres da natureza também sofriam; tinham suas “faculdades” escondidas pelos pais e eram rejeitadas e estigmatizadas na escola, na igreja e pelas pessoas de classe alta.

¹⁰ Diz O Livro dos Espíritos acerca do assunto (capítulo 8, parte 2ª), no Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista: “(...) A emancipação da alma se verifica às vezes no estado de vigília e produz o fenômeno conhecido pelo nome de *segunda vista* ou *dupla vista*, que é a faculdade graças à qual quem a possui vê, ouve e sente *além dos sentidos humanos*. Percebe o que existe até onde estende a alma sua ação. Vê, por assim dizer, através vista ordinária e como por uma espécie de miragem”. (Grifos são de Allan Kardec).

¹¹ Trata-se do médium Raimundo Pinto, atuante nas casas espíritas Amor e Luz, Tomás de Aquino e Federação Espírita, em Manaus, nos anos 60 e 70. Homem do interior que trabalhava em barco de pesca e como feirante em Manaus. Era um desses que se tornariam benzedores caso não tivesse se vinculado ao Espiritismo. Trabalhou durante muitos anos na equipe que reunia outros médiuns conhecidos como Dona Iracilda. Eles realizavam reuniões de viagem astral, cirurgias espirituais, transporte e clarividência. Quando nasci ele me pegou no colo e disse à minha mãe que uma estrela de muito brilho velava a minha existência, porém que muito sofrimento também seria enfrentado por mim. Eu expiaria alguns débitos que vinham sendo adiados. Disse, ainda, que até os 18 anos eu padeceria com uma doença de origem espiritual que encontraria cura na educação de minhas próprias faculdades psíquicas, o que de fato ocorreu. Falou ainda sobre aspectos de minha relação com minha mãe que vieram a se cumprir com exatidão.

todas as noites, o distúrbio do sono mais comum era a cataplexia, em que a mente acorda, tem plena consciência do corpo, dos barulhos do ambiente, dos cheiros, mas o corpo permanece adormecido, grandemente pesado e com pulsação baixa, causando uma sensação de angústia intraduzível, que se demora por dez, quinze minutos ou até meia hora. Nessas ocasiões, em que todos imaginavam que eu estava dormindo, o desespero era vivido na solidão, e quando conseguia despertar, chorava longamente, sentindo-me impotente para explicar a situação a quem quer que fosse.

Na narrativa de Yvone, três dentre muitos sofrimentos destacam-se: 1) o constrangimento e confusão no ambiente doméstico por não reconhecer o pai “físico” como realmente pai; 2) a catalepsia, estado de quase morte ou de morbidez, nos quais mantinha forte atividade espiritual que resultava, depois, em memória viva e longos escritos; e 3) a lembrança praticamente clara de suas duas últimas vidas passadas.

A morte aparente ou o estado de catalepsia¹² é relatado por Yvone Pereira como o seu transe mais profundo. Esses estados de quase morte resultaram mesmo nos livros escritos pela médium. Ao retornar ao corpo, ela mantinha viva a memória do quanto havia visto e ouvido espiritualmente e, assim, escrevia. A primeira vez que experimentou o estado de quase morte tinha apenas alguns dias de nascida¹³. Foi em 1942, contudo, que conheceu o seu transe mais singular (uma longa regressão de memória¹⁴), com duração de dois meses, período no qual permaneceu se alimentando artificialmente e os médicos não conseguiam diagnosticar doença. A lembrança de vidas pretéritas era de tal forma viva, na médium, que chegou a resgatar hábitos, gostos e até gestos das personalidades que animara no passado.

Nesse ponto, é necessário realizar o distanciamento do *lôcus* de Yvone dos demais estudados, uma vez que os registros etnográficos deste estudo não mencionam, não a crença, mas a revivescência de personalidades passadas pela personalidade em mediação no presente¹⁵.

Os transe até então vivenciados em forma de crises foram sendo gradualmente amenizados e direcionados a uma tarefa que, no caso de Yvone, corresponde ao processo de educação de suas faculdades mediúnicas em centros espíritas. No *lôcus* das pitonisas esse processo corresponde ao longo treinamento, no templo, assistido por uma congregação de mulheres; no *lôcus* dos adivinhos azande equivale ao processo de iniciação igualmente assistido por um adivinho mais

¹² A catalepsia também é característica do transe dos pajés de Itá.

¹³ P. 24 – “(...) Tendo vindo ao mundo na noite de natal, 24 de dezembro, a 23 de janeiro, durante um súbito acesso de tosse, em que sobreveio sufocação, fiquei como morta. (...) Durante seis horas consecutivas permaneci com rigidez cadavérica, o corpo arroxeadado, a fisionomia abatida e macilente do cadáver, os olhos aprofundados, o nariz afilado, a boca cerrada e o queixo endurecido, enregelada, sem respiração e sem pulso - único médico e o farmacêutico, examinando-me, constataram a morte súbita por sufocação, (...) , a certidão de óbito foi legalmente passada. Minha avó e minha tias trataram de me amortilhar para o sepultamento (...)”. Yvone ainda relata, a esse respeito, que sua mãe, guardando certeza íntima de que a recém-nascida não estava morta, não deixou que o enterro fosse feito na hora prevista e apelou à Maria Santíssima pelo retorno da filha, o que veio a acontecer, com um forte grito de choro, alguns minutos depois de suas preces.

¹⁴ P. 65 – “(...) Revivi então episódios graves de minhas existências passada e atrasada, existências cujos erros cometidos ocasionaram as lutas do presente, as quais em parte aqui descrevo (...)”.

¹⁵ Meu caso particular pode aqui ser aproximado, em função de já haver vivenciado o fenômeno da regressão de memória espontâneo durante o processo de despertar gradual do corpo, após o sono, por meio de uma dilatação da vista espiritual, ou de forma assistida por um condutor de minha confiança, sem submeter-me, todavia, a processos de hipnose. Tais experiências, em mim, produzem fortes catarses, por isso mesmo os registros emocionais resultantes são, em sua maioria, confusos, e só a custo de exercícios de meditação mais profundos é que vêm a revelar a sua utilidade no presente.

experiente e no *locus* dos pajés de Itá se dá diretamente sob a supervisão e orientação dos próprios seres da natureza, em períodos mais ou menos longos de isolamento. Seja na denominação de educação, iniciação ou treinamento, o processo que direciona a manifestação do Ser Meio para uma fim útil guarda algumas características comuns:

- É rigoroso, exigindo do mediador uma boa dose de disciplina;
- É longo, sem que se possa precisar o tempo;
- É assistido por outros já iniciados, treinados ou educados;
- É assistido, concomitantemente, numa dimensão espiritual por guias, mentores, seres ou energias;
- É dirigido à aquisição de certos condicionamentos que tornam o transe seguro; quem não obedece ou foge destes condicionamentos corre riscos de perturbações ou até de morte;
- É direcionado a uma finalidade prática, objetiva, no *locus* em que se manifesta (caridade, cura, atendimento a quem sofre, consultas, afastamento do mal, desfazimento de bruxarias e de magias...).

Pensando, ainda, relacionalmente, pode-se listar algumas características distintivas do *locus* de Yvone Pereira em relação aos demais:

- É predominantemente racional e fortemente influenciado pelo conhecimento adquirido a partir do estudo de livros da doutrina espírita;
- É condicionado a modelos variáveis de reuniões mediúnicas, dependendo do centro espírita ao qual se está vinculado e à atuação da equipe de trabalhadores;
- É dirigido à compreensão dos mecanismos e processos relacionais com o mundo dos Espíritos;
- É dirigido ao mundo dos Espíritos, sendo estes Espíritos considerados enquanto individualidades despidas de seus envoltórios corporais, porém, criados por Deus para um processo evolutivo;
- É dirigido ao Si espiritual, viator de muitas vidas e muitos mundos e assim levado a perceber-se, harmonizando-se com as leis divinas de forma consciencial;

Todos estes elementos conjugados, aproximados e distanciados, levam-nos a abrir a possibilidade de interrogar o *locus* do mediador espírita no sentido do problema do ser e da dor.

6- Considerações finais

Léon Denis (1995), evidenciando uma perspectiva espírita do Ser em “O problema do ser, do destino e da dor”, acentua que *“o primeiro problema que se apresenta ao pensamento é o do próprio pensamento, ou, antes, do ser pensante”* (p. 56). É nesse sentido que o problema do Ser, para o autor, funde-se ao problema do Ser Pensante ou da chamada Alma Humana, como observa (Idem):

(...) A alma humana é uma vontade livre e soberana, é a unidade consciente que domina todos os atributos, todas as funções, todos os elementos materiais do ser, como a alma divina domina, coordena e liga todas as partes do Universo para harmonizá-las. (...) nenhuma individualidade pode deixar de ser. A dissolução das formas materiais prova simplesmente uma coisa: que a alma é separada do organismo por meio do qual comunicava com o meio terrestre.

Assim analisando, Denis entrelaça o problema do Ser ao problema da existência e sobrevivência da alma à morte do corpo, preocupando-se em demonstrar tal existência através do relato de uma série de fatos de observações, de experiência e de provas objetivas, bem ao molde do pensamento positivista de então. Porém, longe de estagnar-se na perigosa cadeia positivista, a abordagem se amplia na direção de uma postura filosófica e moral de ruptura com as escolas materialista e monista materialista em que o gérmen material localizado na mente, conteria o ser completo (físico e mental).

As questões filosófico-morais levantadas por Denis (p. 58) remetem a respostas, como ele mesmo diz, em substância: “(...)O cérebro, dizem, cria a função. É caso compreensível que uma função possa conhecer-se, possuir a consciência, e a sensibilidade? Como explicar a consciência a não ser pelo Espírito? (...)”. A substância das respostas, por sua vez, remete a um outro complexo arquétipo do ser, uma vez que situa não só o planeta terra, mas também o próprio corpo humano como meios, em si mesmos, pelos quais age a o Espírito enquanto individualidade, pois nenhuma individualidade pode deixar de ser¹⁶

Assim, o arquétipo do Ser forjado no Espiritismo está, irremediavelmente, ligado a uma individualidade inteligente e sobrevivente à destruição do corpo (Espírito), com capacidade de registrar as sensações diversas da existência por meio deste mesmo corpo e por meio do ambiente do planeta. O Ser, segundo o Espiritismo, então, habita no reconhecimento mesmo da própria existência como Ser Pensante e impermanente no mundo.

Ele se dilata, ainda, na direção de um Ser Meio, desta vez não aquele que vive projetado, em regime de subjugação, para o não-eu, ou o outro (*lócus da pitonisa*), ou na direção do transe como fonte de afirmação da própria existência (*lócus do adivinho azande*), ou na posseção pela natureza (*lócus do pajé*), mas aquele Ser que habita o mundo sob a perspectiva de uma imortalidade¹⁷, ou, entre um *cosmos* extra-terrestre e um *lócus* terrestre que existem conjuntamente. E, ainda uma vez, um Ser Meio a um só tempo *cosmos*, que transcende ao mundo objetivo das sensações, e *lócus*, no sentido de estar localizado concretamente num espaço, sob condições determinadas no mundo objetivo¹⁸.

O Ser Meio existente na perspectiva da imortalidade não é uma invenção do Espiritismo. Ele se afigura em todas as épocas e a consequência desta espécie

¹⁶ A definição de Espírito enquanto individualidade está contida na questão 76 de O Livro dos Espíritos cuja resposta é “Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material” (1998, 80ª ed., p. 80).

¹⁷ A categoria imortalidade, no Espiritismo, por sua vez congrega, ao redor de si, diversas outras igualmente dinâmicas como o tempo (passado, presente e futuro físico e do Espírito)¹⁷; o espaço dimensional [1. terra; 2. éter – onde registram-se os acontecimentos do tempo histórico do planeta; 3. territórios dimensionais contidos no próprio espaço do planeta (colônias, abismos, vales); 4. outros mundos dimensionais (planetas, galáxias, buracos negros, etc.)].

¹⁸ As questões relacionadas em O Livro dos Espíritos são a 36 (Parte 1ª, capítulo Dos Elementos Gerais do Universo. E as questões 37 a 42 do capítulo Da Criação, incluindo a definição de Univers em nota de abertura ao título Formação dos Mundos: “(...) O Universo abrange a infinidade dos mundos que vemos e dos que não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço, assim como os fluidos que o enchem”. (Idem, p. 63-65).

de *consciência*, como frisou Denis, é antes de tudo moral. No mundo cristão, pode-se mesmo afirmar, a partir da gênese de João, o Evangelista, que Jesus Cristo foi aquele Ser Meio que mais viveu a intermediação *cosmus e lócus*.¹⁹

A dor do Ser Meio enquanto ser pensante que vive a perspectiva da imortalidade, desvela-se, assim, na própria habitação do corpo, ou da carne, restringindo-o, enquanto suas faculdades o projetam numa dimensão transcendente, cósmica. Essa dor pode direcionar o Ser em a uma condição de sofrimento ou de plenitude e felicidade. Isso não depende unicamente da educação de suas faculdades psíquicas ou medianímicas, no centro espírita, mas principalmente da conquista de uma consciência profunda do seu Ser Meio, a fim de melhor apropriar-se de seu *lócus* móvel e em construção.

Isso implica em que alguns condicionamentos gerados no processo de educação mediúnica, mesmo o baseado na aquisição de conhecimento doutrinário e modelos considerados doutrinários de reuniões mediúnicas, não sejam suficientes para assegurar ao mediador a conquista do Si. Torna-se imperioso o exercício contínuo de aproximação e distanciamento do Ser em Si do processo de educação a que se submete com uma dupla finalidade: 1) por aproximação, ele adquire as ferramentas que lhe permitirão maior conhecimento de si mesmo e dos espíritos com os quais se comunica, e 2) por distanciamento, ele distingue o seu Ser Ideal, forjado em processos racionais de aquisição de conhecimento, do seu Ser em Si, elaborado num conjunto vivencial antigo, de muitas vidas e muitas influências, num processo de autoaceitação.

Reafirme-se, assim, que enquanto o Ser Meio não realiza essa aproximação e esse distanciamento, no seu processo de educação, não se apropria e não reconhece o seu *lócus* no mundo. Corre, portanto, constante risco de adotar comportamentos inautênticos, como no *lócus* dos adivinhos azande, ou, de se deixar enredar por processos de submissão e possessão, como no *lócus* dos pajés ou das pitonisas. A dor do Ser Meio está, possivelmente, também ligada ao transe mais ou menos inconsciente ou subconsciente. Quanto mais dirigir seus esforços no sentido da conquista do Si enquanto Ser Meio e, por conseguinte, de seu *lócus*, mais se capacitará na direção do transe consciente e inspirado.

REFERÊNCIAS

A FONTE DO PODER no Oráculo de Delfos – Encontro de ciência e religião, nesse antigo templo, permite que mecanismos naturais ampliem a magia da realidade. Disponível em <<http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens>> Acesso em setembro de 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DENIS, Léon. *O Problema do ser, do destino e da dor*. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

¹⁹ Refere-se ao Cristo a seguinte citação bíblica: (...) ¹No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus, Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. (...) ¹⁴E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

PEREIRA, Yvone do Amaral. *Recordações da Mediunidade*. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

PRITCHARD, E.E. Evans. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.